

O Reisado De Derina*

*“Vão treinando que vai ficar bom”***

Por Daniele dos Santos Lima***

Clarice Costa Pinheiro****



* Este texto é parte da pesquisa de mestrado de Daniele Lima que se materializou na dissertação “O Entrelace das Fitas: uma narrativa sobre o reisado de dona Derina na Chapada Diamantina”.

** Fala de dona Derina ao ver netas e netos treinando para ingressarem no Reisado que ela comanda.

*** Daniele dos Santos Lima possui Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo PPGNEIM-UFBA (2020), pós-graduação em Psicopedagogia, pela UNIFACS (2015), graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - 2010) e graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA - 2008). Atualmente mantém a posição de pedagoga na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (EPUFBA) e Assessora Pedagógica da Assessoria Pedagógica ao Docente UFBA.

**** Clarice Costa Pinheiro fez graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia, mestrado em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, docente do departamento de Estudos de Gênero e Feminismo na área de Gênero, Cultura e Linguagem, na Universidade Federal da Bahia.

Na comunidade de Tanquinho de Lençóis, situada na Chapada Diamantina, basta perguntar onde fica a casa de dona Derina que as pessoas apontam uma pequena moradia, de cores esmaecidas pelo tempo e com pedaços de reboco à mostra. Ao chamar na porta: ‘dona Derina, dona Derina...’, várias crianças correm para ver quem chama e perguntam: “quem é que quer ver vó?” Até ter a certeza de que se trata de pessoa conhecida (ou que não ofereça perigo), ela não aparece. Foi preciso esperar até que surgiu uma mulher negra, de baixa estatura, com olhar desconfiado, que só abriu um sorriso quando reconheceu o rosto amigo de Iêda (quem intermediou o primeiro contato para a entrevista). Ela nos convidou para entrar na pequena casa, onde vivem filhos, netos e agregados.

Apesar de ser chamada como Derina por muitas pessoas, bem como Del e Delina, seu nome de fato é Adelina Pereira dos Santos (mas ela atende por todos os apelidos), aqui vamos chamá-la dona Derina, como ela é mais conhecida entre os mestres do Reisado (e o dona foi o pronome de tratamento escolhido, por uma questão de respeito).

Dona Derina e seu neto se deixam fotografar, ainda tímidos, na porta de casa



Fonte: Daniele Lima (2017)

Pandeiros e chapéus no Barracão de Jarê



Fonte: Daniele Lima (2017)

A primeira entrevista realizada com dona Derina foi no Barracão de Jarê, que fica ao fundo da casa dela, onde ela atende seus filhos e filhas de santo e, em dezembro, o grupo do Reisado Três Reis Magos, liderado por ela, se reúne para ensaiar. Naquele local são guardadas (com muito segredo) o presépio, os enfeites natalinos e os chapéus ornamentados utilizados pelos reiseiros. É também o ponto de encontro para os rituais iniciais, que envolvem cantoria, rezas e incorporações de santos ou de caboclos e de saída dos Reiseiros rumo ao início da Folia de Reis. É um lugar sagrado, repleto de regras, e que, ao mesmo tempo, marca o espaço de poder de dona Derina. É ela quem manda e comanda todas as ações. Aquele é o espaço onde sua voz é (imper)ativa, pois é ela quem detém o saber, conferido pelos caboclos – que são guias espirituais que a acompanha desde a juventude. Eles lhe conferem poderes premonitórios, de cura e, inclusive, de modificar o rumo da vida das pessoas, identificar feitiçarias e maledicências feitas contra ela. Detém também o poder conferido pelo Santo Reis - que lhe confere o poder da liderança do Reisado. Ademais, a invocação de elementos sobrenaturais faz com que ela saiba sobre as pessoas do grupo de reiseiros que

descumpriram as regras estabelecidas por ela e a punição que deverá receber pela infração, que, a depender da gravidade, pode gerar a exclusão do grupo.

As outras entrevistas ocorreram no momento que ocorreu o Giro[†] do Terno de Reis, em Iraquara-BA, município da Chapada Diamantina. Nessa ocasião, foi identificado que, além de dona Derina, as filhas dela – Cleiseane e Vanderlete – e mais duas mulheres – Dinha e Valneide, fazem parte do grupo de Reis. Mulheres essas que se sentiam privilegiadas, não apenas por acompanharem o giro ou por tocarem ou cantarem nesse contexto, mas, sobretudo, por saberem sobre uma manifestação cultural secular, por conhecerem a história da líder do grupo, por estarem ocupando um espaço marcadamente masculino, cujo discurso mais frequente é a não permissão de mulheres no cortejo “por se tratar de coisa de homem”. O entendimento que os Reis Magos da tradição católica eram três homens gera a interpretação reiterada de que apenas homens devem participar desse momento ou ainda que “o Reisado já foi encontrado assim. E Santo Reis quer que permaneça assim” (só com homens) ou ainda “mulheres são mais fracas, não aguentariam andar tanto”. Todo esse processo de exclusão faz com que poucas mulheres desejem estar nesse lugar, fazendo com que a maioria dos grupos reiseiros da região seja formada por homens. Poucos são mistos, como o de dona Derina, e raramente existem os formados apenas por mulheres.

Cíntia carrega os pandeiros enquanto participa do giro

[†] O Giro constitui o período total que os Reiseiros saem às ruas para cantar e louvar o Santo Reis, geralmente ocorre após o Natal e se encerra na 1ª semana de janeiro.



Fonte: Daniele Lima (2018)

Observando outros reisados da região desde 2004, foram perceptíveis várias oitivas de exclusão das mulheres. Um exemplo disso é o fato de grupos de reisado serem “movidos” por cachaça. Assim, todas as casas que abrem as portas para eles oferecem bebida alcoólica. Segundo eles, isso ajuda a mantê-los acordados e melhora a voz. Logo, há um entendimento de que um ambiente regado a cachaça não deve ser para mulheres. Ademais, as peregrinações ocorrem tanto durante o dia quanto à noite. Durante o dia, as mulheres devem estar em casa para cuidar dos afazeres domésticos, de lidas na roça e dos filhos. Já à noite, não é hora de “mulher direita” estar na rua. A percepção do local de cuidado, da esfera privada para as mulheres, enquanto a esfera pública é dominada pelos homens, molda também as manifestações culturais e ratifica os lugares sociais. Assim, os espaços de resistência e a inserção das mulheres nesse contexto cultural se dá também em função deles, do desejo ou da ausência que eles expressam. A exemplo do Reis de Mulungu, que tinham em seu cortejo muitas mulheres, mas elas estavam ali suprimindo a falta dos maridos que participavam do Reisado, pois eles viajaram para São Paulo em busca de melhores condições de vida e não regressaram ou até acabaram por falecer. Inicialmente, elas ocupam esse espaço não apenas para suprir a lacuna deixada por eles, mas por consideração aos mestres e mestras da cultura popular que clamam para que os Reisados não sucumbam.

Ao passo que elas ingressam na manifestação por conta dos maridos, elas iniciam um processo de revolução e resistência, abrem espaços para outras mulheres, tornam-se espelhos para garotas, subvertem a lógica de que mulheres não podem, deslocam o conceito de “mulher direita” e ainda recriam a história, na qual Santo Reis pode, inclusive, ser mulher. Ao dialogar com cada reiseira ficam perceptíveis as motivações para ocuparem aquele espaço. Assim, aquelas que participam do Reisado Três Reis Magos (ou Reisado de Derina, como muitos conhecem) têm ligação familiar ou espiritual (são filhas de santo de dona Derina), uma vez que ela é uma mentora, a quem as pessoas sempre recorrem em um momento de dificuldade, especialmente, por razão de doença.

A filha Cleiseane é a contramestre no Reisado de Derina, Passou a cantar o Reis aos 17 anos, quando estava grávida de Cíntia, apesar de já acompanhar a mãe nos giros desde criança. Ela passa a ocupar esse espaço, pois, além de gostar da Folia, tem uma voz boa, como sinalizam os reiseiros. Assim, todas as vezes que a mãe cansa a voz, ela assume. Apesar de existir um ritual espiritual, em que Santo Reis incorpora em dona Derina para dizer quem será a próxima pessoa a comandar o Reisado, tudo indica que Cleiseane assumirá o lugar da mãe. Mas enquanto a mestra tiver forças para cantar, ela continuará saindo para cumprir sua sentença[‡]. Já a neta Cíntia, que iniciou o giro ainda na barriga da mãe, tem em sua história mais dez anos com o Reisado, é a esperança da avó de não deixar a manifestação “morrer”. Assim, dona Derina treina netos e netas para que “eles tomem gosto” e possam continuar o Reisado quando ela não estiver mais entre eles.

Para Valneide e Dinha, que possuem laços de parentesco e têm dona Derina como mentora, a Folia de Reis representa “a maior alegria da vida”. A primeira passou a fazer parte do grupo em virtude de uma depressão. Para que ela conseguisse vencer a doença, o marido fez uma promessa: ela teria de sair no Reisado de dona Derina enquanto fosse viva. Tendo ela se curado, agradece ao marido o sacrifício prometido. Segundo ela, ele é um homem muito inteligente, de bastante leitura, sabe o que faz e só quer o bem dela. Já a segunda, vendo o filho preso por engano na delegacia de Lençóis, apegou-se a Santo Reis e prometeu que ela sairia todos os anos no Reisado caso o filho dela fosse liberado.

É interessante perceber que o sacrifício sempre é imputado à mulher: o homem faz a promessa para a mulher pagar, em um caso; no outro, a mulher faz a promessa para um homem, mas ela quem deve pagar. E, assim, seja por doença, por promessa, pela ausência dos homens, pelo espelho que outra reiseira traz, pela manutenção de um grupo, as mulheres vão se aproximando, se incorporando, resistindo e marcando seu lugar no Reisado.

[‡] Refere-se à obrigação de sair com o Reisado todos os anos. É também chamado de sina e carrega o peso de ser a escolha de Santo Reis para liderar o Reisado dele, a qual não se pode recusar.

Da esquerda para direita: Cíntia, Cleiseane e dona Derina: três gerações no Reisado



Fonte: Daniele Lima (2017)

É salutar a importância do espaço ocupado por dona Derina no contexto de uma manifestação cultural dominada por homens, como é o Reisado, e da validação desse instrumento que tanto traz um poder ratificado pela população local, sendo motivo de orgulho, de visibilidade, de destaque naquela comunidade rural, como também constitui um “peso”, uma sina, que deve ser carregada para o resto da vida.

Assim, a fé, que é mote de existência e de resistência na vida de sertanejos, de pessoas rurais, por exemplo, deve ser pensada também como artifício essencial de poder, de motivação e direcionamento de vidas. É ela que move as pessoas a saírem durante o giro, debaixo de um sol escaldante, sendo recusados ou ignorados em algumas casas, gerando cansaço físico e mental, problemas de saúde (como rouquidão, dores na coluna, exaustão física e mental, desidratação), mas também contentamento.

É como se quanto maior o sacrifício, mais recompensas serão concedidas, tanto em um plano terreno quanto espiritual. Acredita-se que o Santo ficará feliz, perceberá o quanto a pessoa é merecedora de uma determinada bênção. Se o Santo não concede uma graça, deve-se ao fato de o sacrifício não ter sido suficiente ou o pedido não ter sido feito com tanta fé ou ainda não haver merecimento para aquela graça. Logo, junto a fé deve caminhar a penitência para o alcance dos objetivos. Uma vez que a tradição cristã induz

a essa concepção, e, como o Reisado se baseia na repetição de princípios católicos ligados diretamente à cultura popular, o Santo Reis faz jus a esse sofrimento e sua repetição é baseada nele.

Dona Derina, no Barracão, segurando o livro de fotografias e memórias produzido por Iêda Marques



Fonte: Daniele Lima (2017)

Dona Derina, que comanda o Reisado Três Reis Magos há mais de duas décadas, nasceu em 14 de abril de 1952, casou-se três vezes, e essas uniões marcaram de forma decisiva a sua vida. Importante dizer que foi do primeiro marido, Valdemar, com quem se casou aos 14 anos, tendo ele, em torno, de 35 anos, que ela herdou as responsabilidades religiosas (do Jarê) e do Reisado, em suas próprias palavras:

[Valdemar] Festejou 33 anos [de saídas com o Reisado], ele adoeceu. Nos 33 anos, ele disse: Derina... Na Chegada do Reisado na porta, ele não cantava o canto aos pés do Reis, ele cantava os nomes das pessoas, despedindo assim... coisa mais triste da vida. Não tinha... Ninguém cantava. Os Reiseiros, nenhum cantava, era todo mundo chorando do jeito que ele cantou despedindo do pessoal. Quando chegou nos pés do Santo,

ele disse, no altar, disse nele, abaixou nele e falou, disse: “Ó, meus filho, a partir do ano que vem, não é eu mais que vou... Não é meu aparelho mais que vai sair com o Reisado. Quem vai tomar conta de vocês é Derina. Ela não quer não, ela quem sabe... Se ela quer cuidar ou se ela quer morrer. Aí, eu falei no meio deles tudo: “eu prefiro morrer!”. Aí, quando eu falei, ele falou: “É ignorância sua, minha filha.”.

Após esse episódio, ela ainda foi para São Paulo para fugir das obrigações, não queria esse compromisso, que Valdemar assumiu ainda criança em virtude de uma questão psicológica, até que, após uma promessa, Santo Reis o curou e ele ficou com a sina de sair com Reisado. Na época que ele fazia a peregrinação, as mulheres não eram permitidas. Assim, dona Derina participava apenas da saída e da chegada do Reisado que aconteciam no barracão. Entretanto, no momento de troca de liderança, Santo Reis incorporou no mestre para dizer quem deveria continuar a sina, bem como com as obrigações do Jarê, que também eram lideradas por Valdemar. Ainda que não participasse do giro, dona Derina já lidava indiretamente com o Jarê, pois, conforme ela relata, o caboclo já incorporava nela e o marido usava disso para trabalhar. Conforme este relato:

Eu já tinha... Sete anos de idade, eu recebia os guias... Tupinambá, caboclo do mato, que só queria trabalhar! E minha sentença sempre foi assim: triste, pessoal. Sofrendo, sofrendo, sofrendo... Valdemar me levou na casa de 26 curandeiros. E não teve um curador para dizer assim: eu vou resolver o problema dela. Todos eles... Quando ele chegou comigo em Mané Cardoso, de Cachoeira, quando chegou lá, ele falou que não resolvia nada. Aí, passou para casa de uma curandeira que chamava Edite. Aí, ele me levou... Aí, eles botava eu no canto assim, porque na hora que eu endoidava, eu acabava com tudo. Aí, foi quando eles apoderou de mim... Aí, ele quando ia trabalhar, chamava aqueles guias meus. Não adiantou eu correr tanto, porque um ano antes de ele morrer, me entregou tudo.

A marca de todo curador de Jarê aparece aqui, pois, desde cedo, dona Derina já era a escolhida pelo mundo espiritual e os caboclos interferiam em sua vida e lhes causavam sintomas de loucuras, de desequilíbrio psicológico, o que é um relato comum aos curadores de Jarê, é o que lhes sinaliza a sina que terão de cumprir. Ela também relata que as entidades a enlouqueciam quando incorporavam nela e a parte que mais era afetada era a cabeça. Segundo ela, não houve paz em sua vida, enquanto a obrigação do Reisado e do Jarê não foi aceita. Ela repete constantemente a seguinte frase:

“Valdemar foi que me deixou essa sentença que eu cumprio”.

Ainda que dona Derina não aceitasse esse destino, o Santo não lhe propiciou escolha e, de várias maneiras, avisava a ela que os filhos dela ficaram sem pai e iriam ficar sem mãe também. Cansada de sofrer as sanções do Santo, ela voltou para Tanquinho de Lençóis e, a partir de 1987 (vale salientar que existe uma imprecisão na data, o que é característico do ato de lembrar), passou a sair com o Reisado. Desde então, não deixou de sair um ano, exceto em 2020, em virtude da pandemia.

Ao falar de sua vida, dona Derina repete a história que ouvimos de muitas mulheres em condição de vulnerabilidade:

Eu não fui criada com a minha mãe, fia! Fui criada com a minha avó. Meu pai faleceu, eu tinha 1 ano e três mês. Minha mãe entregou eu pra minha avó e ficou com os outros mais velhos. Bateu o pé daqui, foi embora para São Paulo, muitos anos, ela apareceu para vim buscar os filhos. Quando ela apareceu, eu já tava com 14 anos, já morando com Waldemar. Aí, minha mãe queria que eu fosse, mas eu não tinha mais condições de ir com ela. Disse: “Oh, minha filha, a gente vai ficar em contato, eu vou ficar vindo, se um dia você quiser voltar a me acompanhar... Foi embora, já tem mais de trinta anos que minha mãe foi embora. Morreu pai, morreu mãe, morreu vó e eu me acho no mundo com meus filhos.

Dona Derina liderando o grupo durante o giro



Fonte: Daniele Lima (2018)

Ao ser questionada sobre o motivo de ter casado cedo, dona Derina explica:

E eu sei lá, minha filha! Porque sou besta demais. Porque... Sei lá, eu... Não sei o que é que foi, eu era boba demais, cai no papo do homem. Eu convivi com ele (Valdemar) 14 anos, tive três filhos com ele. Ele morreu... Eu tive três filhos: Vanderlete, Valdemar e Vilma. Depois, eu fiquei 5 anos sozinha. Depois, casei de novo e tive um casal: Clesicleia e a Cleiseane. O primeiro foi Valdemar; depois, Salvador e o terceiro, eu convivi doze anos. Depois que esses dois morreu, eu fiquei oito anos sozinha. Depois, comecei a gostar de uma cara.... Depois, a gente

desentendeu, porque ele não tratava meu pessoal bem. Quando o pessoal chegava, ele ficava com a cara muito ruim, não aguentei, mandei subir... Meus guias não aceitou que eu ficasse com ele. Aí, eu separei...

Dona Derina e seu neto, que vem de São Paulo todos os anos para participar do giro



Fonte: Daniele Lima (2018)

Sobre a origem do Reisado Três Reis Magos, dona Derina conta uma história que percebemos, a partir das pesquisas de campo, ser bastante comum. O início para os

Reisados tem a ver invariavelmente com doenças, em especial, uma espécie de loucura que acometia a pessoa que deve cantar o Reis. Foi assim com ela e foi assim também com Valdemar, de quem herdou a “sina”. Como a mesma sinaliza:

[..] aí, ela [a mãe de Valdemar] pegou e quando ele completou uns doze anos, ela entregou o grupo para ele. Aí, ele tomou conta. Quando ela fez essa promessa, ele tinha três anos de idade, quando ele era louco. Porque ele fazia muita arte, muita ‘bramura’, ele não era normal, fazia tudo quanto é ‘livrosia’, ele fazia. E ela pelejava, pelejava, pelejava, não conseguia. Os médicos passavam medicamento, ele tomava, ela dava e nada: era tudo a mesma coisa. Aí, ela foi e fez a promessa pra os três Reis Magos.

O reisado que pertencia a Valdemar ganhou novos direcionamentos com dona Derina, as mulheres passaram a fazer parte, o tempo de saída aumentou: passou do dia 01 a 06 de janeiro, que eram os dias da promessa feita pela mãe Valdemar, para 30 de dezembro a 06 de janeiro.

Segundo a Reiseira, diversas regras, como a proibição da bebida alcoólica e de relações íntimas durante o giro, foram incorporadas por ela. A quantidade de reiseiros varia a cada ano, segundo dona Derina (2017): “Assim, o grupo é 12 do grupo fixo, mas se vim vinte e tanto pra sair mais eu, sai tudo”. Atualmente, o que figura como maior impedimento para aqueles que desejam participar da Folia é a compra da farda (indumentária utilizada durante o giro), que precisa ser a mesma para todos que a acompanham, mas as questões financeiras acabam por impedi-los. Como ocorre com um dos genros de dona Derina, que acompanha todo o giro, mas não faz parte do grupo por falta de recursos para comprar a farda. A maioria dos partícipes desse Reisado é constituída por trabalhadores rurais, pessoas desempregadas ou que recebem auxílio governamental.

Dona Derina abraçada ao neto após a cantoria, à esquerda. À direita, Lucas, o primo de Derina e marido de Valneide.



Fonte: Daniele Lima (2018)

A farda usada pelos Reiseiros de dona Derina consiste em camisa da mesma cor para todos os integrantes, calça jeans, uma toalha pequena (que é colocada no pescoço), uma faixa branca na transversal da camisa e o chapéu bastante enfeitado com adereços coloridos, que incluem muitos acessórios natalinos, como o “festão”, bastantes flores e espelho. Após o dia 06 de janeiro, os Reiseiros devolvem o chapéu para dona Derina guardar até o ano seguinte, e cada um guarda sua farda. Entretanto, um fato que chama atenção é o tipo de vestimenta, marcadamente masculina. Em outros Ternos de Reis mistos na Chapada Diamantina, as mulheres podem fazer o Giro usando saia ou vestido. Quando questionada sobre esse fato, Dinha, reiseira de dona Derina há décadas, diz que:

Eu não sei te explicar, porque eu já cheguei e alcancei assim. O dono dele era homem e aí todo mundo tinha que vestir igual, igual assim... só tem uma diferença porque você vê lá: ela é a chefe, é a dona e ela quem veste diferente de nós. O chapéu dela é mais arrumado, a farda dela, a camisa é mais diferente... No

tempo dele, mulher não saía, era difícil mulher sair, era mais homem. Aí, hoje ela colocou as mulher, tem que vestir igual homem também.

A explicação de dona Derina para o uso da roupa perpassa pelo desejo do Santo Reis, que não pode ser questionado tampouco contrariado, ela entende que foi ele quem ordenou que fosse assim. Ao passo que, em outras situações, há uma flexibilização, como o fato de mulher não sair no Reisado. A conexão direta que ela possui com o Santo torna-se determinante para que as concessões sejam feitas:

De três em três anos, eu tenho que trocar tudo, mas esse ano, eu não troquei. Santo Reis não aceita roupa de mulher, porque o grupo dele toda vida é de homem. Aí, ele não aceita que... Antigamente, ia mulher vestida de mulher, mas, depois, ele não aceitou... Ele pediu para usar a roupa normal para ser tudo igual. Eles não quer um diferente dos outros. O diferente é só o meu e de minha filha, que em falta minha, ela quem assume.

Após se indumentar, dona Derina ganha novos ares, adota uma postura mais sisuda, poucas vezes assume a cantoria, deixando isso a cargo de Cleiseane. Apenas observava, olhando quem estava errando a ordem das músicas, da dança ou quem ela queria que assumisse uma determinada função, em uma postura que não permitia questionamentos, afinal ela ocupa a posição de detentora de um saber secular. Às vezes, mandava as crianças dançarem, o calor e o chapéu enfeitado deixam todos exaustos, sem ânimo para acompanhar, mas as colocações dela não permitiam discutir. Conforme a reiseira Dinha relatou: *todo mundo tem que obedecer ela, o que ela disser é isso, ninguém desobedece. É pra passar por aqui, é por aqui.* Sem qualquer questionamento, pois ela é a autoridade.

A maneira como as reiseiras enxergam dona Derina, enquanto liderança, converge para um entendimento de força, de garra, de determinação. Para Valneide:

Ela tem os nervosos dela, até mesmo porque ela é uma liderança e a liderança dela é muito forte para família inteira. Já Cleiseane, que é filha e será sua substituta no Reisado, diz que: Acho bonito, porque ela tem pulso forte, porque ela obedece, respeita. Se ela 'dizer' é isso, é isso mesmo! Se ela dizer umbora, todo mundo vai. Tenho muito orgulho da liderança de minha mãe. E, se um dia eu tomar conta e for como ela, eu vou ser muito feliz...

Reiseiros de Derina



Fonte: Daniele Lima (2018)

Dinha e dona Derina em momento de descanso durante o giro



Fonte: Daniele Lima (2018)

Quem avista ao longe um grupo com fitas coloridas ornando chapéus e balançando ao vento ao final de dezembro e início de janeiro já imagina que está diante de grupo de Reis. O grupo de passos lentos é marcado também pelo som de instrumentos musicais - pode ser a viola, a caixa ou o pandeiro - que compõem a melodia ecoante pelo caminho e se que intensifica na porta de cada casa: “Ô, senhor, dono da casa, Santo Reis aqui chegou...”. Em comunidades rurais, receber a visita de Santo Reis, materializado em um grupo de Reisado, é bom presságio, tem-se a ideia de que eles são mensageiros de fartura. Assim, a casa que recebe essa visita não passará por dificuldade financeira naquele ano. A beleza da indumentária e o embalo da cantoria

acabam por não escamotear as relações machistas e as atitudes de subversão promovidas nesse contexto.

Os olhares curiosos em torno de dona Derina são constantes, pois ainda causa estranheza uma mulher liderando o Reisado. Por vezes, durante percurso, escutamos de transeuntes “a líder é uma mulher!”. A Reiseira Valneide relata sobre o preconceito da mulher em relação à participação no Reisado:

Em 2016, nós tava cantando em Utinga e eu fui na feira, né, com o Terno, aí eu ouvi um homem falou assim: “reiseira mulher? Pela primeira vez!” Antes, acho que há dez anos, há vinte, trinta anos atrás, não tinha mulher reiseira. Não saia no Terno de Reis, só homem. Quando eu tinha 14 anos, passou um Terno de Reis em minha casa e só tinha homem.

Assim, um local marcadamente masculino, ao ser ocupado por uma mulher acaba por inspirar outras mulheres ao protagonismo, tendo em vista que Cleiseane está sendo treinada para assumir o lugar da mãe, assim como a filha de Cleiseane que já acompanha os passos da mãe e da avó durante o Giro.

De toda sorte, através do Reisado, essas mulheres assumem e contribuem para a ampliação das fronteiras demarcadas pelo patriarcado para a mulher e fortalecem a ideia de poder. Assim, todas se beneficiam do processo, pois, muitas vezes, esse é o único momento em que sentem o sabor da liberdade.

Sem dúvidas, o Reisado três Reis Magos, chefiado por dona Derina, assegura a condição de homens e mulheres participarem do mesmo contexto, podendo exercer as mesmas funções, ao passo que traz uma ideia de liberdade, autonomia e poder de decisão, inerentes às figuras de dona Derina e de Cleiseane. É um espaço de poder legitimado principalmente em comunidades rurais. Sem recursos financeiros para festas, as comemorações se dividem em duas épocas: São João, com a tradição da fogueira e das quadrilhas, e a Folia de Reis. Essas festas constituem a oportunidade de lazer, de alegria, de confraternizar, de rever pessoas, de diversão, mas, sobretudo, de quebrar paradigmas. Trata-se de uma ruptura na rotina, que tem por justificativa uma motivação divina, um interregno no trabalho da roça, como uma maneira de renovar as forças para (re)iniciar um ciclo, até porque a finalização do giro coincide com o início do ano, renovando as esperanças por bênçãos divinas ou ratificando agradecimentos.

O percurso feito pelo Reisado vai bordando um tecido que leva o sagrado à rua, às casas, uma vez que toda a origem católica do evento propicia que a ligação com a igreja católica seja desejada, tanto que dona Derina faz questão que o início do giro seja cantado na lapinha, montada para os festejos de Natal, na igreja católica. Se houver a bênção do padre, é ainda melhor. Entretanto, a interação com o Jarê faz com que as portas das igrejas se fechem com frequência e os padres não abençoem a saída, o que não ocorreu em Iraquara. Apesar dos olhares de estranheza, dos cochichos, de alguns rostos descontentes (de pessoas que estavam esperando a missa começar), que seguiram

os Reiseiros enquanto eles entravam na igreja para cantar aos pés da lapinha, o padre fez questão de abençoá-los, o que teve forte simbologia para dona Derina, que, geralmente, é convidada pelos párocos a se decidir entre a igreja católica e as obrigações do Jarê.

Reiseiros recebendo a bênção do padre da paróquia de Iraquara



Fonte: Daniele Lima (2017)

No Reisado de dona Derina, ela que comanda o espetáculo. Ela quem diz onde e quando parar, o que cantar, quem dança, é também a solista (ela canta e os outros respondem em coro), usa gestos e ordens, comanda a ordem das músicas e determina o início ou o fim de algum instrumento musical, de acordo a sua percepção do que está bom (geralmente, representado com um gesto manual de “legal” e o aceno com a cabeça). O chapéu dela é o maior e adornado de modo diferente – flores artificiais maiores, plumagem natalina, espelinhos; assim como, a camisa que ela veste possui cor diferenciada do grupo. Ela não apenas é a líder, ela sabe ser líder, ela se impõe nesse

lugar, ela faz valer a sina que lhe foi delegada e propicia a visibilidade de mulheres em posto de liderança e da cultura popular.

A cada apresentação do Reisado Três Reis Magos, a cultura popular vai se configurando de forma múltipla e coletiva, possibilitando que os saberes sejam difundidos e que a comunidade seja representada nele e por ele. É perceptível, então, que o grupo de Reis se constrói e tece sua existência, permeada por inúmeras vidas, cada uma repleta de peculiaridades. Fazer parte do Reisado lhes garante uma identidade comum e traz um sentimento de pertença, sem o qual, as tradições populares, as crenças e a fé desse povo não seriam recriadas e passadas de geração em geração, o que ratifica a postura de dona Derina ao obrigar a participação de netos e netas nos festejos de Reis. É para eles/as que ela dirige a afirmação: *vão treinando que vai ficar bom*. Enquanto dançam e olham apreensivos para a avó, esperando a aprovação dela a cada passo, vemos uma nova geração de reiseiros surgir... O sentimento de tristeza que envolve netos/as deixados/as no barracão (exceto Cíntia, que vai com a mãe, Cleiseane) comove, especialmente, por ser acompanhado da pergunta: *Quando eu poderei ir?* A resposta de que será no próximo ano traz um fio de esperança, que alimenta o Reisado, mas que, por dificuldades financeiras, esse questionamento pode se repetir por vários anos... Mas é importante ir treinando, com a certeza de que vai ficar bom.

Mesa do barracão de Jarê arrumada com os chapéus e instrumentos musicais de reiseiros e reiseiras



Fonte: Daniele Lima (2017)

